

O reino de Aruanda: de porto luso-angolano de escravos a reino mítico afro-brasileiro

*Isis McElroy**

Resumo

Este artigo examina o arquétipo de Luanda na memória coletiva afro-brasileira. Aborda aspectos de memória construída de transformação criativa ao refletir sobre duas questões: 1) O que Luanda representou para o Brasil colonial? 2) O que Luanda representa para o imaginário afro-brasileiro contemporâneo?

Palavras-chave: Memória coletiva afro-brasileira; Representações literárias de Luanda; Transformações criativas.

* Arizona State University – USA.

Ao final do século XVI, a ligação direta e quase exclusiva do império português com o reino do Congo estava ameaçada por outros impérios europeus. Portugal foi forçado a redirecionar suas rotas de comércio e procurar uma base geográfica para seu poder. Luanda foi criada como cidade-porto, de onde Portugal podia expandir seu controle e começar guerras para conquistar os Mbundus de Angola (BIRMINGHAM, 1965, p. 8). A chegada dos portugueses em Luanda é lembrada pela tradição oral daquele povo. Conta-se lá que “os homens brancos chegaram em navios com asas que brilhavam ao sol como facas. Cuspiram fogo nos Mbundus e obrigaram seu rei, Ngola, a fugir do litoral” (BIRMINGHAM, 1965, p. 8, tradução nossa). Em 1575, Paulo Dias de Novais, com as bênçãos e o apoio de Dom Sebastião, rei de Portugal, estabeleceu uma base portuguesa na ilha angolana de Luanda. Dias batizou a ilha com o nome de seu santo homônimo: São Paulo. São Paulo de Luanda, posteriormente parte do “Reino Português de Angola”, tornou-se um posto comercial, uma cidade portuária criada e controlada por uma comunidade mestiça luso-africana brasileira que tinha comunicação direta com o Brasil.¹

De 1575 a 1605, Angola representava a miragem portuguesa de riqueza mineral, mas o sonho de lá descobrir minas de prata nunca se realizou. Depois de 1605, o único interesse de Portugal em Angola era o mercado de escravos (BIRMINGHAM, 1965, p. 24). A importância de Angola para o império português era tanta, que o padre jesuíta Antônio Vieira² (1648 *apud* GLASGOW, 1982, p. 47) afirmaria, um século mais tarde: “Sem escravos, não haverá Pernambuco, e, sem Angola, não haverá escravo algum”. Os portugueses negociavam com vendedores de escravos que viajavam do litoral para os mercados das fronteiras do Congo e de Angola, compravam escravos dos chefes locais e traziam-nos de volta a Luanda. No século XVIII, esse comércio havia se expandido de tal forma, que muitos africanos escravizados chegavam, com caravanas que viajavam distâncias longas, de até 1.300 km da costa, de regiões muito além da esfera das atividades européias (BIRMINGHAM, 1965, p. 42).

¹ Supostamente português, o comércio de escravos no Atlântico sul era eminentemente brasileiro em seu âmbito operacional. Os navios negreiros começavam a viagem para Angola, geralmente, no Brasil, e, da mesma forma, os capitães e a tripulação normalmente vinham de lá (MILLER, 1992, p. 85).

² VIEIRA, Antônio. [Carta]. [S.l.: s.n.], 1648.

Segundo dados compilados no recém-lançado banco de dados **The transatlantic slave trade** (ELTIS *et al.*, 1999), indivíduos do oeste e do centro da África representavam 45% do número total de escravos africanos, dos quais 800.100 – homens, mulheres e crianças – aportaram no Brasil durante o período de três séculos. Como apenas metade das viagens dos portugueses para transportar escravos foi computada nesses dados (ELTIS, 2001, p. 23), pode-se dizer que aproximadamente 1,6 milhão de africanos do oeste e do centro do continente foram embarcados para o Brasil. Essa estimativa, mesmo que possa parecer surpreendente, ainda é parcial. Outros estudos indicam um total de 4,8 milhões de escravos africanos (MENDONÇA, 1973, p. 71). Como a maioria dos africanos no Brasil veio da África Central, 1,6 milhão ainda parece ser um cálculo subestimado. O que se pode afirmar com certeza é que, desde a época das plantações da Colônia até a República e a importação da força de trabalho européia, a presença africana no Brasil representava, aproximadamente, três quartos de sua população total (CARNEIRO, 1981, p. 102).

Angola era o maior empório de escravos da África Central (FREITAS, 1991, p. 31). Luanda, o maior depósito e porto da área, era um lugar de horrores inconcebíveis, uma “porta sem retorno”, um dos estágios do processo durante o qual homens eram transformados em moeda corrente e combustível para sustentar a empresa colonial. No Brasil, o porto de escravos de Luanda transcendia não apenas seu tempo, mas sua imagem dantesca. Segundo o verbete dicionarizado (FERREIRA, 1999, p. 109), Aruanda origina-se do “[...] topônimo *Luanda* (Angola): céu onde vivem os orixás e entidades afins”. Na filosofia afro-brasileira contemporânea, Aruanda é concebida como um reino extraordinário, o lar mítico dos orixás e dos espíritos superiores da cosmologia do Brasil e do Congo. Também é uma referência a Luanda, não apenas ao porto São Paulo de Luanda, mas a uma África mítica ancestral, a um paraíso de liberdade e alegria perdidas embora possíveis. Nas palavras da ativista Beatriz do Nascimento (1989), “[...] Para nós do mundo ocidental, a África é um continente enterrado. É um continente sobre o qual não sabemos muito. É um conhecimento congelado. É um povo congelado em nossas relações, em nossa comunicação, em nosso inconsciente, em quem são eles”.

Como o ícone geográfico de Luanda foi transformado pelos descendentes de africanos no Brasil? Como a Luanda angolana se solidificou na Aruanda brasileira? Qual é a forma da Luanda congelada no inconsciente afro-brasileiro?

Para refletir sobre essas questões, podemos examinar dois ricos arquivos da filosofia e da cosmologia afro-brasileiras: cantos de louvor ou invocação; e romances e textos que, segundo a doutrina espírita de Allan Kardec, foram supostamente psicografados pelos autores. Tomar textos mediúnicos como fonte de informação pode parecer altamente questionável. Em pesquisas históricas e antropológicas, tais textos seriam prontamente descartados como desprovidos de sentido, mas, se estivermos procurando construções e transformações criativas, são

pertinentes. Sua relevância como arquivo de arquétipos e idéias deve-se ao fato de emergirem da memória coletiva afro-brasileira e lá ecoarem.

Um desses romances é **Vozes de Aruanda**, de Norberto Peixoto (2005). De acordo com esse texto, que teria sido mediunicamente transmitido a Peixoto pelo espírito de Ramatis,³ porta-voz ou “porta-espírito” da doutrina milenar do Conhecimento Secreto (PEIXOTO, 2005, p. 24), Aruanda é uma referência a “colônias espirituais [...] plasmadas pela Alta Confraria Cósmica [...] com a permissão direta do governador planetário, o Cristo-Jesus [...] coletividades espirituais do Além [que] contam com muita tecnologia [...] inclusive com estações interplanetárias de extraterrestres” (PEIXOTO, 2005, p. 9-10). Essa imagem de ficção científica descreve Aruanda como uma civilização cósmica altamente tecnológica, mantida pelo Chefe Supremo Planetário, Jesus Cristo, e como um espaço habitado não apenas por descendentes afro-brasileiros e brasileiros nativos mas também por seres extraterrestres vindos de estações interplanetárias.

Outro romance mediúnico semelhante é **Aruanda**, escrito por Robson Pinheiro e supostamente ditado pelo espírito de Ângelo Inácio⁴ (PINHEIRO, 2004). Assim se descreve Aruanda nesse texto:

³ Ramatis, o espírito que, supostamente, oferece ou desvenda essa imagem ao autor, teria morrido na China no século X. Conta-se que, antes de sua vida na China, viveu muitas outras vidas: primeiro na Atlântida, depois no Egito – onde teria se encontrado com uma encarnação anterior de Allan Kardec –, posteriormente como conselheiro do rei Salomão, como filho de Moisés, como guarda-costas de Jesus e, finalmente, na China. Segundo os crentes, o espírito de Ramatis está agora dividido em 26 forças que habitam o Cosmos (ajudando a raça humana e ditando romances e manuais), além de em 18 forças reencarnadas no Brasil, seis no resto das Américas e algumas na Europa e na Ásia (cf. Fraternidade Espírita Ramatis, disponível em <<http://www.ramatis.org.br/pagramatis.htm>>). A palavra *ramatis* evoca a cidade de Ramadi, perto de Bagdá; lembra também o fóssil, de 5,8 milhões de anos, do homonídeo chamado Ramadis Kadaba, encontrado na Etiópia, e significa “raiz” na língua Afar, falada na Eritreia (cf. <<http://www.jqjacobs.net>>). A imagem de ficção científica de Luanda oferecida pelo “espírito de Ramatis” ecoa no inconsciente e no consciente coletivo em outras partes da América. É interessante observar que Ramatis surge na imaginação americana justamente por meio de uma ficção científica, a série televisiva *Star-Trek: the next generation* (Jornada nas Estrelas: a geração seguinte). No episódio “Loud as a whisper”, Howie Seago interpreta o personagem Riva, diplomata surdo-mudo que chega para mediar um tratado de paz entre duas culturas em guerra, a Federação e os Klingons, ambas à beira da extinção. Riva é membro da família governante de Ramatis III, o terceiro planeta do sistema Ramatis, onde todos são surdos por uma característica genética. Para se comunicar com os outros, Riva usa um coro de auxiliares telepáticos que falam por ele. O coro é composto por três membros, dois homens e uma mulher, com quem ele se comunica telepaticamente. Cada membro do coro representa um aspecto diferente da personalidade de Riva: um homem representa seu lado erudito e artístico, o outro homem indica sua característica bélica e passional, e a mulher atua como equilíbrio e ligação espiritual entre os dois (cf. <<http://www.tft-bbs.org.uk>>). Esse arquétipo americano construído é rico em alusões simbólicas paralelas. É importante notar os seguintes paralelos: comunicação telepática; mediação de paz; e o tripé de forças energéticas interligadas que se comunicam por meio de um homem.

⁴ Segundo Pinheiro (2004), **Aruanda** é o quarto romance do espírito Ângelo Inácio, que em vida teria se envolvido com sexo e drogas e agora se redime, ditando livros.

Aproximamo-nos de uma soberba construção. Erguiam-se diante de nós extensas muralhas, que se assemelhavam às construções de antigos castelos medievais. [...] Dentro daquelas paredes imponentes, avistavam-se torres muito altas e prédios inteiros que desafiavam o ambiente sombrio, abrindo luz ao redor – era como se eles próprios fossem estruturados em luz astral. De fato, o material com que eram construídos parecia uma espécie de luz coagulada ou congelada [...] Ensaiei alguma surpresa ao ver a soberba edificação do lado de cá da vida. O preto-velho acudiu-me, esclarecendo logo: “Aqui nesta região de vibrações mais densas, temos refúgios da paz. Funcionam como verdadeiros hospitais-escola [...] As muralhas que você observa, semelhantes às edificações terrestres da era medieval, atuam como escudo energético”. (PINHEIRO, 2004, p. 87-89)

Nesse excerto, Aruanda aparece como um refúgio de paz, como a cruz de um hospital – lugar de acolhida para espíritos recentemente chegados – e, ainda, como uma cidade medieval de castelos construídos de luz cósmica congelada e protegidos por muralhas que afastam qualquer energia destrutiva. Essa imagem é uma referência aos conceitos, desenvolvidos na África Central, de *n'kisi/bilôngo* e *futu*: medicina sagrada, energia curativa protegida por uma bolsa e ativada no ato de fechá-la, ou, nesse caso, no ato de cercar um reino com muralhas protetoras que conservam a energia positiva congelada (FU-KIAU, 1991, p. 112).⁵

O conceito de Aruanda emerge, no Brasil, em cantigas e canções de todas as manifestações sagradas ou seculares de origem bantu. Encontramos Aruanda no samba, na capoeira, no maracatu, na congada e também na literatura oral do candomblé de Angola e da umbanda. Originária do início do século XX, a umbanda é uma religião sincrética fundamentada nas crenças da África Central, com fortes influências de várias correntes doutrinárias (tais como as filosofias religiosas ameríndias e de Yoruba, o catolicismo, o espiritismo do pensador francês Kardec e o reconhecimento do poder do karma) (CASTRO, 1985, p. 141). Umbanda é um fenômeno urbano em processo contínuo de definição e transformação. Enquanto a cosmologia Yoruba-Fon do candomblé segue um modelo pan-africano mais exclusivo, a umbanda é uma cosmologia pan-brasileira de todas as raças e culturas que habitam o Brasil.

A estrutura cosmológica da umbanda baseia-se no transe místico de posseção de duas “categorias” principais de forças ancestrais: os caboclos (ancestrais ameríndios) e os pretos-velhos (ancestrais africanos). Os caboclos e os pretos-velhos são mediadores entre os deuses superiores (ou orixás) e os seres humanos. Essas forças ancestrais são organizadas segundo uma teoria

⁵ Segundo um canto cerimonial do candomblé brasileiro-angolano: “Quando cheguei de Aruanda, trouxe remédio em minha bolsa”. Que remédio é esse? Que bolsa é essa? De acordo com a cosmologia do Congo e de Angola, o remédio é uma referência a *n'kisi/bilôngo* (remédio sagrado/energia), e a bolsa é *futu*, “recipiente de algo secreto e de grande valor para seu dono”, geralmente feito “de material macio, dentro do qual o dono carrega remédio protetor ou curativo” (FU-KIAU, 1991, p. 112).

de reinados, linhas e falanges, significando “legiões”, numa referência à formação da infantaria grega para uma batalha.⁶ As legiões ou os exércitos ancestrais habitam o *Reino da Luz*, constituem a nobreza de Aruanda e cavalgam os médiuns. Os médiuns, em transe místico, são chamados de “cavalos” (BRAGA, 1946, p. 69): são cavalos de uma infantaria sagrada vinda do reino celeste de Aruanda para trazer luz e energia curativa aos fiéis.⁷

Aruanda é um conceito que transcende todas as fronteiras geográficas no inconsciente dos brasileiros. Segundo uma canção de umbanda:

Lá no Pólo Norte
Onde tudo é gelado,
Tem povo esquimó
Que vem de Aruanda.
Lá na Groelândia
Onde tudo é nevado,
Tem povo esquimó
Que conhece a Lei de Umbanda. (BRAGA, 1946, p. 106)

Assim, a presença da força divina vinda da mítica Aruanda pode ser sentida no Pólo Norte e na Groenlândia, entre os esquimós e em terras geladas. Talvez isso represente uma fascinação poética pela imagem da luz vinda do gelo; talvez seja uma referência a uma força preservada congelada, uma energia fossilizada. O que se pode observar, sem qualquer inferência, é que essa Aruanda está a quilômetros de distância (geográfica e poeticamente) da cidade-porto colonial de Luanda. A “globalização” do mito de Aruanda, essa compressão das dimensões temporal e espacial da interação humana e espiritual em âmbito mundial, é um fenômeno altamente criativo. Entretanto, embora permitindo adaptações e interpretações do mundo moderno, fundamenta-se, de forma sólida, em princípios bantus muito específicos. Outra canção de umbanda conta-nos:

⁶ Essas divisões agrupam forças míticas ancestrais de acordo com suas semelhanças e seu estágio de desenvolvimento espiritual. Trata-se de uma estrutura aberta, que permite a absorção de novos seres míticos, em uma permuta que segue as sete linhas ou os sete reinos originais, divididos em sete falanges ou legiões, as quais, por sua vez, podem ser subdivididas: “Linha, nesse caso, quer dizer um grande exército de espíritos obedientes a um chefe – Orixá, espíritos estes que têm no espaço uma missão, incumbência, tarefa ou coisa equivalente. Cada linha subdivide-se em sete legiões, tendo cada uma um chefe; cada legião divide-se em sete grandes falanges, tendo, também, cada qual, o seu chefe; cada falange grande, por seu turno, divide-se, também, em sete falanges menores, e assim sucessivamente” (BRAGA, 1946, p. 15).

⁷ “A religião umbandista fundamenta-se no culto dos espíritos, e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas divindades; através do transe, realiza-se assim a passagem entre o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens. A possessão é portanto a descida dos espíritos do reino da luz, da corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores” (BRAGA, 1946, p. 69).

Pinto piou lá na Angola
Galo cantou na Calunga
Salve Congo que vem de Aruanda
Trazendo presente na sua sacola. (BRAGA, 1946, p. 131)

Um pintinho piou em Angola, um galo cantou em Kalunga; viva o espírito do Congo que vem de Aruanda, trazendo um presente em sua bolsa.

Na cosmologia do Congo, Kalunga representa o lar de Nzambi, Deus, reino ancestral, vida depois da morte, oceano. Kalunga é a linha ou a muralha protetora invisível entre o mundo físico de *ku nseke* e o mundo espiritual de *ku mpêma* (FU-KIAU, 1991, p. 114). Um galo cantando em Kalunga é o anúncio de um novo dia, de um novo ciclo ou processo de formação. Isso é indicado por um pintinho piando em Angola, símbolo de *Butuka*, nascimento: o nascer de um sol vivo trazendo, das profundezas do mundo espiritual dos ancestrais, luz, alegria, esperança e energia criativa ao mundo dos vivos. O “presente” ou “sol” do todo-poderoso Kalunga é trazido na sacola ou bolsa de um espírito do Congo vindo de Luanda. Novamente, uma referência a *n’kisi/bilôngo* em uma *futu*: um remédio sagrado protegido por uma bolsa. Outro aspecto que merece atenção nessa cantiga é a noção paralela de Angola/Luanda e do Congo. Os reinos de Angola, do Congo e de Moçambique são referências constantes nas manifestações culturais afro-brasileiras. Segundo a canção de umbanda:

Três pedras.
Três pedras dentro desta aldeia,
Uma é maior, outra é menor,
A menorzinha é que nos alumeia. (3000 PONTOS... 1974, p. 154)

Três pedras nessa vila ameríndia, e a menor é a que nos traz luz.

A imagem dessas três pedras não é acidental. A tradição das “três pedras” do Congo refere-se às pedras em que se equilibra um caldeirão: *makukwa matatu malambil’e Kongo* (as três pedras sobre as quais o reinado do Congo cozinhava; a época do *big-bang* da cosmologia do Congo). Originalmente, o conceito das três pedras de cozinhar é uma explicação da formação do reino do Congo e da genealogia de seu povo. No Brasil, essas três pedras são imagens do tripé formado pelos reinos lembrados do Congo, de Moçambique e de Angola. Sobre essas pedras está um recipiente com remédio *bilongo*, que, uma vez cozido, traz saúde e alegria aos vivos. A canção conta-nos que uma das três pedras é menor: “a menorzinha é que nos alumeia”. Qual é a pedra menor?

Pedrinha miudinha
Na Aruanda auê
Lajeiro tão grande, tão grande
Na Aruanda auê. (LODY, 1995, p. 137)

Um seixo minúsculo de Aruanda desprende-se de uma rocha muito maior. A imagem do pequeno seixo e da rocha grande é uma metáfora cosmológica. No Brasil, Luanda, simbolizada por uma rocha gigantesca, virou um ícone, encapsulando toda a noção do continente africano. Aruanda, o seixo minúsculo, mas poderoso, que se desprende de Luanda, tornou-se uma alusão poética e filosófica a uma essência cosmológica. Aruanda é a ligação imaginária entre a África e o Brasil, entre a terra-mãe e seus filhos. Aruanda é um satélite de operação que recebe sinais da estação congelada da Luanda colonial. Podemos dizer que esses sinais são transmitidos mediunicamente, por telepatia, por meio da memória coletiva, ou, então, que esses sinais culturais existem na sinestesia da poética e das apresentações afro-brasileiras sagradas e seculares.

Luanda, o maior empório de escravos da África Central, espaço de horrores inconcebíveis, criou raízes em solo brasileiro, na memória coletiva afro-brasileira, como repositório de uma força divinizada. Luanda metamorfoseou-se em Aruanda, referência geográfica divinizada, uma extensão de Luanda – seu satélite. Aruanda, placa tectônica poderosa, anteriormente Luanda, parte da rocha mais ampla do continente africano, criativamente penetrou Brasil adentro.

Abstract

This paper examines the archetype of Luanda in the Afro-Brazilian collective memory. It considers issues of constructed memory of creative transformation while reflecting on two questions: 1) What did Luanda represent to colonial Brazil? 2) What does Luanda represent to contemporary Afro-Brazilian imaginery?

Key words: Afro-Brazilian collective memory; Creative transformations; Luanda literary representations.

Referências

- 3000 PONTOS riscados e cantados na umbanda e candomblé. Rio de Janeiro: Eco, 1974.
- BIRMINGHAM, David. *The Portuguese conquest of Angola*. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- BRAGA, Lourenço. *Umbanda, magia branca, quimbanda, magia negra*. Rio de Janeiro: Moderna, 1946.
- CARNEIRO, Edison. *Religiões negras & negros bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Religions of African origin in Brazil: designation, origins and new and little-known cults. In: THE SURVIVAL OF AFRICAN RELIGIOUS TRADITIONS IN THE CARIBBEAN AND IN LATIN AMERICA, 1985, São Luís. **African cultures**: proceedings of the meeting of experts. São Luís do Maranhão: Unesco, 1985. p. 137-150.

ELTIS, David. The volume and structure of the transatlantic trade: a reassessment. **William and Mary Quarterly**, Cambridge, v. 18, n. 1, p. 23, Jan. 2001.

ELTIS, David *et al.* (Ed.). **The transatlantic slave trade**: a database on CD-Rom. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREITAS, Décio. **O escravismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

FU-KIAU, Kimbwandênde Kia Bunseki. **Self-healing power and therapy**: old teachings from Africa. New York: Vintage, 1991.

GLASGOW, Roy Arthur. **Nzinga**: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola (1582-1663). São Paulo: Perspectiva, 1982.

LODY, Raul. **O povo do santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MILLER, Joseph. The numbers, origins, and destinations of slaves in the eighteenth-century Angolan slave trade. In: INIKORI, Joseph E.; ENGERMAN, Stanley L. (Ed.). **The Atlantic slave trade**. Durham: Duke University Press, 1992. p. 77-116.

NASCIMENTO, Beatriz do. [Texto de abertura]. In: ORI. Direção: Hermano Penna. Produção: Raquel Gerber. Brasil: Transvídeo, 1989. 1 videocassete (55 min.), color. Documentário sobre a história do Movimento Negro no Brasil.

PEIXOTO, Norberto. **Vozes de Aruanda**: obra mediúnica. Limeira: Editora do Conhecimento, 2005.

PINHEIRO, Robson. **Aruanda**: magia negra, elementais, pretos-velhos e caboclos sob a ótica espírita. Contagem: Casa dos Espíritos, 2004.

